

PUXANDO PELA MEMÓRIA: A CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS COMO PONTO DE COMPREENSÃO ENTRE AS RELAÇÕES DOS HABITANTES DA CIDADE DE PARNAÍBA/PI E SEU PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Heidi Gracielle Kanitz¹
Flora Maria Serejo Neves Ribeiro²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo reconhecer quais as relações que a população da cidade de Parnaíba – PI nutre com seu patrimônio histórico. Foi utilizado como objeto de estudo a Casa Grande Simplício Dias, casarão que apresenta importância histórica bastante semeada por historiadores da cidade. Através da análise dos dados coletados, foi possível apreender que boa parte da população da cidade, apesar de apresentar a Casa Grande como um espaço importante para a cidade, mantém uma relação distanciada com o espaço.

PALAVRAS-CHAVE: CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS. PATRIMÔNIO HISTÓRICO. IDENTIFICAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL.

¹ Mestre em Administração (UFRN), Turismóloga (UFRN). Professora Assistente do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: heidikanitz@ufpi.edu.br

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI/2012 e em Turismo pela Universidade Federal do Piauí/2013. E-mail: floraserejo@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Patrimônio está relacionado às relações familiares, às heranças partilhadas. Ao longo do tempo esta palavra foi associada a novos verbetes e adquiriu outros significados, diferentes do original. Dentre eles, figura a conceituação de patrimônio histórico, que apreende objetos que expressam características de um passado compartilhado coletivamente. Configuram-se como patrimônio histórico objetos, edificações, obras de arte, manifestações culturais e modos de produção (maneira de confeccionar produtos), dentre outras atividades (CHOAY, 2006).

Ele seria, portanto, considerado a herança partilhada entre todos os cidadãos de uma comunidade. Esta noção de patrimônio provém das relações familiares, das heranças deixadas, geralmente pelo patriarca. Para ser caracterizado como cultura de um povo é necessário que haja a identificação com ele.

Tal ideia de patrimônio como identificação coletiva é datante da Revolução Francesa, na qual era necessário buscar uma identidade para o povo, que fosse aos moldes diferentes da monarquia absolutista vigente até então. Essa intenção de formação da nação ocasionou a procura por aspectos característicos da sociedade francesa pouco ligados à monarquia. Eram considerados como patrimônio obras e monumentos que se considerassem como representativos do povo francês (CAMARGO, 2010).

Para auxiliar na manutenção da memória, são erigidos monumentos que, etimologicamente analisados, significam, justamente, relembrar, memorizar (CHOAY, 2006). Estes monumentos possuem seu significado alterado quando tratados de forma que sirvam para rememorar algum feito considerado importante para a sua comunidade e que também adquiram significado histórico. A partir de então este monumento é tratado como objeto histórico, cuja função não necessariamente é igual àquela que foi motivo de sua construção.

Para que haja a firmação do monumento (e seu reconhecimento) enquanto patrimônio, é necessária a participação da população, pois sua inserção, compreendendo os aspectos formadores de sua cultura, como eles se desenvolveram ao longo do tempo e qual a relação do espaço físico que se dispõe para a construção desta identidade, podem viabilizar a consolidação deste objetivo. Para tanto, a educação possui papel fundamental, uma vez que através de sua intervenção é possível que as pessoas ampliem seus conhecimentos a respeito da localidade em que vivem (seu processo de formação) e, a partir disso, possam despertar para a valorização e conservação do que está ao seu redor.

Diante disso, este artigo tem como objetivo reconhecer quais as relações que a população de Parnaíba nutre com o seu patrimônio, especificamente, a Casa Simplício Dias, casarão que possui relevante importância dentro do desenvolvimento da localidade. A metodologia embasou-se em coleta de dados primários e secundários, provenientes de pesquisa de campo, bibliografia e pesquisa documental.

O artigo está estruturado seguindo as bases de compreensão do desenvolvimento da noção de patrimônio ao longo do tempo, contemplando diversas alterações e nuances de seu significado no decorrer dos períodos. São apresentados alguns dos conceitos direcionadores da noção de patrimônio e de aproximação identitária da população com os monumentos que lhes cercam, para então apresentar o Casarão de Simplício Dias.

Em relação ao citado Casarão, são apresentadas algumas narrativas formadoras de sua importância histórica, bem como controvérsias de sua localização e denominação. Também são apresentados dados numéricos em relação à percepção dos habitantes da cidade em relação a este espaço, bem como alternativas de abordagem para sua utilização.

Em termos gerais, são utilizados, neste trabalho, os conceitos apresentados por Choay (2006), Meneses (2006) e Camargo (2010), no tocante aos aspectos gerais de caracterização do patrimônio e de formação identitária.

Para as especificidades de estudo do Casarão ou focalização na história local são utilizados os estudos de entusiastas da história local, como Candeira Filho (2011), Marques (2011), bem como estudos monográficos, a exemplo de Costa (2011). Como

literatura especializada, para aprofundamento da abordagem, foram utilizados os trabalhos de Pinheiro e Moura (2010) e Horta, Grunberg e Monteiro (1999) este último contemplando as possibilidades de inclusão por meio da educação patrimonial.

DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE PATRIMÔNIO

Inicialmente o conceito de patrimônio está relacionado às relações familiares, às heranças partilhadas. Ao longo do tempo esta palavra foi associada a novos verbetes e adquiriu outros significados, diferentes do original. Dentre eles, figura a conceituação de patrimônio histórico, que apreende objetos que expressam características de um passado compartilhado coletivamente (CHOAY, 2006).

Antes mesmo de ser formado o conceito de patrimônio, o modo de compartilhar a memória através das gerações era por meio da erigição de monumentos, que tinham, originalmente, a função de memorar (advertir, lembrar) à sociedade construtora deste (e a seus descendentes) algum fato que merecesse destaque suficiente, que tivesse direito de ser lembrado através de uma construção (CHOAY, 2006).

Camargo (2010) aponta a diferença entre monumentos e monumentos históricos: os monumentos, em si, já desde seu projeto inicial, possuem uma construção intencional com uma função valorativa já definida; enquanto isso, os monumentos históricos são imbuídos de seu significado através de uma construção simbólica, adquirida através da convivência com o monumento e que não obrigatoriamente está relacionado com sua função inicial, pois:

O valor simbólico que atribuímos aos objetos ou artefatos é decorrente da importância que lhes atribuímos à memória coletiva. E é esta memória que nos impele a desvendar seu significado histórico-social, refazendo o passado em relação ao presente e a inventar o patrimônio dentro dos limites possíveis, estabelecidos pelo conhecimento (CAMARGO, 2010, p. 31).

Portanto, os significados históricos dos monumentos são adquiridos *a posteriori*, através da interação que a comunidade desenvolve com ele. Desta relação serão despertadas as simbologias através das quais o objeto será valorado e adquirirá

importância para as existências individuais dos seus convivas. É por intermédio da manutenção da memória coletiva que pessoas alheias àquela relação conseguem perceber a importância nutrida pela comunidade com relação aos seus monumentos.

Assim aconteceu com a Casa Grande Simplício Dias, cuja função de construção era a morada da família de Domingos Dias da Silva, sua esposa e filhos e que, atualmente, é considerado como um dos pontos históricos mais importantes da cidade de Parnaíba – PI, por ser considerada local de reunião de diversos processos relevantes para a história da cidade, do estado do Piauí e para o Brasil.

Este espaço possui uma relação mnemônica forte com os produtores de história local, sempre citada como um dos pontos importantes da cidade. Porém, com os habitantes, de modo geral, inclusive aqueles que interagem com o ambiente próximo à localização da Casa Grande, a situação é diferente. Nem todos os moradores conhecem ou sabem localizar espacialmente o casarão, mesmo identificando-o como um ponto importante da cidade.

A CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS

A Casa Grande faz parte do complexo arquitetônico tombado de denominação “Conjunto Avenida Getúlio Vargas”, que é pautado pelo ecletismo das edificações, as quais, mais próximas ao rio, apresentam características mais coloniais, que vão se dissipando, à medida que a localização das quadras se afasta do ponto inicial da rua. Dessa forma,

[As casas] Mudam as dimensões do lote, a edificação se solta dos limites do terreno, os acessos passam a ser feitos pela lateral ou por escadarias na fachada principal, aparecem esquadrias emolduradas por arcos e outros ornamentos artísticos e começam a aparecer os elementos *art déco*, que irão caracterizar a arquitetura de meados do século XX (PINHEIRO e MOURA, 2008, p. 20).

O contexto histórico no qual esta casa está envolvida desperta nos interessados em história (na cidade) um sentimento de aproximação com o espaço. Este sentimento

aponta as balizas que empreendem diversas pesquisas acerca deste espaço, expandindo as pesquisas também para a história política da cidade.

Apesar de ter sido construída por Domingos Dias da Silva, pecuarista e produtor de charque na região norte do Piauí da segunda metade do século XVIII, é a Simplício Dias que a morada é atribuída. Não se pode precisar exatamente o real motivo deste direcionamento, mas alguns acontecimentos de relevância histórica, como a participação da cidade em batalhas a favor da Independência do país e da Confederação do Equador tiveram participação de Simplício Dias e afirma-se que as reuniões eram na Casa Grande, atuando esta como o “palco de discussões”.

Além disso, Simplício Dias também se tornou um importante comerciante da região, mantendo relações com pessoas influentes da Corte Real do Brasil e da Europa, onde havia estudado quando jovem.

Por algum tempo houve uma discordância entre os historiadores da cidade se o prédio da esquina seria mesmo o prédio da Casa Grande. Afirmava-se que o prédio da Casa Grande seria o que está imediatamente atrás do solar, sito inteiramente à Rua Monsenhor Joaquim Lopes. O prédio da Esquina seria denominado “Solar Vista Alegre”. (COSTA, 2011).

Esta controvérsia é apresentada por Candeira Filho (2011), quando afirma que:

A confusão começa com a variedade de denominações usadas para designar o sobrado construído em duas etapas, entre 1758/1770, para servir de residência de Domingos Dias da Silva: Casa Grande da Parnaíba, Solar dos Dias da Silva, Casarão de Simplício Dias, Casarão dos Dias da Silva, Solar Casa Grande.

A contraposição a respeito da veracidade de ser o solar da esquina realmente a Casa Grande se dá através de uma passagem apresentada por ele, que narra a existência de galerias comunicantes entre a Casa Grande e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça. Porém, entre as duas, existe, atualmente, um prédio, que seria, de fato, a Casa Grande, justamente por evitar a comunicação do prédio anterior com a igreja.

Silva (1987), corroborando com este ponto de vista, afirma que:

É preciso não confundir. A casa soralenga com frente para a Avenida Presidente Vargas é o sobrado Vista Alegre, não faz parte do sobrado dos Dias da Silva, que é um bloco com apenas 06 janelas de sacada e uma porta larga e é a mais alta. [...]
Este sim é o famoso Solar dos Dias da Silva. Ela foi construída para a residência de sua família, e atraiu para a sua vizinhança outras pequenas construções (p. 41).

Esta visão permaneceu vigente por algum tempo, sendo apresentada, inclusive, no Almanaque da Parnaíba de 1994³, o qual apresenta, dentre as fotografias de pontos da cidade, o prédio da esquina como sendo o “Vista Alegre”, enquanto aponta como Casa Grande o prédio que fica aos fundos da Igreja.

Porém, Marques (2011) afirma que:

A maior surpresa na minha pesquisa foi a descoberta de documentos a provarem que a Casa Grande é o imóvel da esquina e que não existe e nunca existiu o sobrado ou palacete denominado “Vista Alegre”.
Com relação ao sobrado ao pé da Igreja, erradamente chamado de Casa Grande, na planta da Vila São João da Parnaíba, datada de 1798, cujo original está no Arquivo Ultramarino de Lisboa, consta atrás da Igreja uma rua e nenhuma casa ao pé da mesma; aparecem ao lado da Rua Grande algumas casas e principalmente um sobrado na esquina da Rua Grande com a Rua da Glória. Na planta da Vila São João da Parnaíba, datada de 1809, cujo original se encontra no arquivo do Exército, consta atrás da Igreja um terreno vazio como quintal da casa da esquina e anexa a Igreja, do lado da Rua da Glória um muro com um largo portão que dá a entender muito bem se tratar de acesso ao quintal. Não existe nessa planta nenhuma casa ao pé da Igreja de Nossa Senhora da Graça.

Apresentando o inventário de Simplício Dias da Silva e de Raimundo Dias da Silva, seu irmão, este aponta que o prédio da esquina seria de fato a Casa Grande, morada de Simplício, enquanto o prédio de fundo da Igreja seria o de seu irmão, Raimundo. Nesta pesquisa será considerado como Casa Grande o prédio assinalado e restaurado como tal, pelas pesquisas empreendidas do IPHAN e pelos acadêmicos de História da UESPI⁴. Entretanto, a nomeação atribuída ao prédio não diminuiria a sua importância, tampouco ocasionaria o seu desmerecimento.

³ Anuário que apresentava reflexos da sociedade parnaibana e de seu entorno, surgido em 1924 e que, até agora, teve sua última edição (lançada em 2004).

⁴ Atual grupo de pesquisa “Cidade, Cultura e Identidade”, na época coordenado pelo prof. Me. Idelmar Júnior.

Costa (2011, p. 12) afirma que o espaço “é o patrimônio que consegue melhor transmitir a história do desenvolvimento da cidade de Parnaíba, do estado do Piauí e de alguns fatos do país, como a luta pela independência do Brasil”.

Essa consideração de patrimônio tomou uma relevância maior por meio do processo de tombamento, que é apontado por Pinheiro e Moura (2010, p. 12) como “um ato administrativo realizado pelo poder público para proteger o patrimônio cultural dos grupos formadores da sociedade brasileira”. Esta intervenção do poder público é assaz importante, juntamente com iniciativas de educação patrimonial. Unidas, elas podem captar o interesse tanto de moradores quanto de turistas para a preservação do espaço. Este cuidado, uma vez despertado, deve ser empreendido de forma espontânea, não por obrigatoriedade ou por ser uma lei. Iniciativas de Educação Patrimonial podem auxiliar o indivíduo a se identificar com o espaço e, mesmo que não o aprecie, reconheça sua importância e consiga respeitá-lo, uma vez que:

[...] A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam.

Neste processo dinâmico de sociabilização em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade (HORTA, GRUNBERG E MONTEIRO, 1999, p. 7).

A PERCEPÇÃO DOS HABITANTES DA CIDADE DE PARNAÍBA – PI

A intenção desta abordagem foi analisar como aqueles que se utilizam da Praça da Graça interagem com seu entorno. Dessa forma, devido à proximidade, foram questionados se sabiam da localização e se já teriam visitado o Casarão de Simplício Dias, bem como se consideravam aquele espaço importante e por que. Também foram indagados a respeito da possibilidade de instalação do museu Simplício Dias naquele espaço: se os transeuntes sabiam dessa intenção e se visitariam esse museu.

O formulário utilizado era composto de dez perguntas, das quais as três primeiras procuravam traçar um perfil dos entrevistados, indagando-lhes a respeito de bairro de

residência, idade e ocupação. Com o questionamento relacionado ao local de residência buscava-se compreender de que forma as pessoas interagiam com o centro histórico e se esta interação variava de acordo com a variação do local de habitação. As outras duas tentavam delinear, mais precisamente, o perfil supracitado.

Da pergunta quatro à pergunta oito estavam contidos questionamentos específicos acerca da Casa Grande, como se o abordado sabia a sua localização, se já a tinha visitado, qual a impressão que teve do espaço (para aqueles que já a visitaram) e qual a importância dela para a cidade de Parnaíba.

As duas últimas perguntas estavam relacionadas à instalação do museu. Elas indagavam se a pessoa sabia da intenção de instalar um museu naquele espaço e se havia interesse da parte dela na visita deste ambiente e o por que. A abordagem aconteceu no ínterim dos dias 05 a 07 de março do ano de 2013.

A análise dos questionamentos iniciais aponta que a maioria das pessoas abordadas mora em bairros próximos, ou relativamente próximos à Praça da Graça. Foram também encontradas pessoas que moravam em outros municípios da região norte do estado do Piauí e uma de uma cidade do estado do Maranhão.

A idade da maioria destas pessoas estava na faixa de 31 a 40 anos (22,5%), seguido da faixa etária de 41 a 60 (20%) e da de 26 a 30 (17,5%), existindo também pessoas que afirmaram estar acima ou abaixo destas faixas etárias, mas com menos quantidade. A ocupação com maior número de respostas foi à categoria de estudante (27,5%), seguida das de dona de casa e autônomo, ambas com 12,5%. Da mesma forma que na análise da questão anterior, foram assinaladas outras ocupações, igualmente em menor quantidade.

Quando questionados se conheciam a Casa Grande Simplício Dias, 41% afirmaram que sim, enquanto 58% o fez assinalando que não conhecia o espaço. Mesmo sendo uma questão fechada, com resposta objetiva, faz necessário o esclarecimento de que alguns fatores observados durante a resposta a este questionamento. Do universo da pesquisa, 12,5% das pessoas lembraram-se do espaço apenas depois de esclarecido pela pesquisadora onde se localizava o prédio. Outros 10,5% o confundiram

inicialmente com o da Casa Inglesa⁵, outro prédio de valor histórico da cidade. Em complemento, 2,5% dos entrevistados afirmaram que já ouviram falar, mas que não sabia onde era.

Desta análise, pode se apreender que, mesmo considerado historicamente como centro de difusão de conhecimentos acerca da memória da cidade, grande parte das pessoas que frequentam o seu entorno e trabalham no local não o reconhecem com este fim. Nem as pessoas da cidade, nem aquelas que aqui vêm por motivos quaisquer sabem, em sua maioria, da existência do monumento.

Para que esta situação seja alterada e minimizada, é necessário, de fato, o investimento em informação, apresentado pelo superintendente de cultura, em sua entrevista cedida. Ele aponta que “o principal método para a captação do visitante, para qualquer espaço público e não de um museu, é o diálogo”, sendo a informação a ferramenta mais eficaz para a captação do turista. Mas, além disso, esta informação serviria, primeiramente (e principalmente) para sensibilizar a população a respeito da existência do espaço.

Só é sentido pertencimento por aquilo que se reconhece enquanto formador de si próprio e ocasionando a democratização do conhecimento e da formação patrimonial identitária (MENESES, 2006). Para que esta ação ocorra em relação ao Casarão Simplício Dias, é necessário que os habitantes primeiro saibam de sua existência, para então atribuírem-lhe importância, pautando-se nas bases da participação comunitária, para o processo de interpretação patrimonial, e transmiti-la aos visitantes forasteiros.

Quando questionados se já haviam visitado a Casa Grande, 82% responderam que não, enquanto apenas 18% afirmaram que já tinham ido lá. 5% responderam que visitaram o espaço apenas antes da reforma (que estão inclusos no percentual dos que já visitaram o espaço). Dos que não visitaram o espaço, 31% afirmaram que não o fizeram por desconhecimento da possibilidade de visita, 12% por falta de interesse, 22% por falta de tempo e 35% por desconhecimento da localização do espaço.

⁵ Esta confusão fez com que, a partir do questionamento subsequente, o universo da pesquisa diminuísse para 39 pessoas, uma vez que a pessoa abordada respondeu às indagações direcionando sua análise à Casa Inglesa, o que só fora percebido, com efetividade, ao final da abordagem, com a explicitação do ponto de vista em alguns questionamentos.

Os que não conhecem o espaço, conseqüentemente não o visitaram, ocasionando, novamente, a maioria das respostas. Dos que conhecem o espaço, a maioria respondeu que ainda não o visitou por desconhecimento da possibilidade de visitação, o que reflete na necessidade de informa o, como forma de aproximar as pessoas de sua história. Baseando-se nestes números,   possível afirmar que   de interesse da popula o conhecer o espaço.

Quanto   importância da Casa Grande para a cidade de Parnaíba, 51% das pessoas abordadas n  souberam responder o questionamento. Mesmo com os diversos aspectos apontados (importância histórica, turística, cultural, difusora de conhecimento), a maior parte das pessoas abordadas n  conseguiu apontar uma importância para o espaço. Ou seja, n  foram suficientemente informadas ou instruídas durante seu processo de forma o a respeito das atividades empreendidas naquele espaço e de sua relevância para a cidade.

Devido   falta de informa o comprovada durante esta abordagem   perceptível a necessidade que se tem de promover uma política de educa o patrimonial   popula o da cidade, de modo a fazê-la ficar ciente n  só nas conceitua es, mas desenvolvendo sentimento de pertenc a ao espaço, pois esta inser o pode facilitar o apreço, a contempla o e o desejo de conserva o do patrimônio histórico da cidade, por se verem representados no espaço.

Direcionando esta rela o para dentro do ambiente escolar,   necessário fazer com que os alunos se sintam partícipes na história, analisando o patrimônio pelo intermédio das mais variadas disciplinas, facilitando o processo (apresentado por Horta, Grunberg e Monteiro (1999) como sendo de preserva o sustentável) que fortalece os sentimentos de identidade e cidadania. Dessa forma, extrair os alunos do espaço da sala de aula para ampliar-lhes a visão e dando-lhes subsídios para a constru o e manuten o desta identidade seria uma espécie de garantia que os bens que estão preservados hoje assim permaneçam nas futuras gera es.

A utiliza o das no es de educa o patrimonial na sala de aula segue as mesmas premissas da utiliza o dos conceitos na vida cotidiana: instigar nos discentes a conscientiza o da importância dos bens patrimoniais, para que se sintam integrados a

este, passando a valorizá-los e evitando o vandalismo, pois, dessa forma, estariam fazendo um bem a si mesmos. A iniciativa de utilizar esse conceito em escolas é interessante, pois:

Os **Centros Históricos** de muitas cidades do Brasil são excelentes para estimular o professor e os alunos a estabelecer e compreender as relações fundamentais entre o presente, o passado, as mudanças ocorridas nos modos de vida das pessoas que nele viveram, assim como nas próprias cidades. O professor e seus alunos têm a possibilidade de aprender juntos sobre o **Centro Histórico**, já que este permite um amplo campo de **investigação**, que desperta interesse tanto numa criança nos primeiros anos de aprendizagem, como no adolescente do 2º grau. [...] (HORTA, GRUNBERG E MONTEIRO, 1999, p. 26) (grifo das autoras).

Dessa forma, professores e alunos formam o seu conhecimento de forma integrada, agregando saberes e proporcionando a inserção e o reconhecimento dos discentes no processo de formação cultural local. Esta identificação estimula o processo de preservação de forma endógena, despertando no próprio aluno o desejo de manutenção de um patrimônio que também é seu.

Atrair à população para visitar a Casa Grande seria apenas o primeiro passo para o fomento dessa forma de educação, para o conhecimento das atividades ocorridas anteriormente na cidade de Parnaíba. O edifício é um atrativo, uma vez que ele faz parte do imaginário popular e atua como um ponto de comunhão da memória coletiva parnaibana (mesmo que alguns a conheça apenas por ouvir falar de sua existência). A abertura do espaço ao público já foi empreendida, mas agora é necessário que sejam traçadas estratégias para a captação de visitantes, que despertem o interesse em conhecer o monumento por dentro e atribuir-lhes alguma importância, formando sua própria conceituação a respeito do imóvel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível perceber que as relações dos parnaibanos com seu patrimônio histórico não estão bem fortalecidas. Entretanto, através da análise

dos dados coletados é possível perceber que faz parte do interesse de boa parte da amostra conhecer e participar da vida histórico-cultural da cidade.

É preciso aproveitar-se deste interesse e tornar o espaço agradável para visita e possível à aquisição de conteúdo. Vislumbrado dessa forma, o ambiente pode ser ponto de difusão de conhecimentos a respeito da história da cidade e proporcionar, dessa forma, que a educação patrimonial atinja, também, quem não frequenta mais o ambiente escolar e assim difunda seu conhecimento a uma parcela maior da população.

Com as atividades de educação patrimonial bem estruturadas e não apenas voltadas para os alunos, mas para a comunidade de modo geral, o habitante seria conhecedor da história de sua cidade e, mesmo que não interaja com ela de maneira próxima, pode desenvolver a capacidade de transmiti-la àqueles interessados em saber um pouco mais sobre os acontecimentos e suas significações para a formação municipal. Dessa forma, o indivíduo pode contribuir com o processo de interpretação patrimonial, uma vez que ele também imprime suas convicções a respeito do seu espaço de vivência.

Esta interação primeira do autóctone com seu espaço é importante, que já deve estar alocada no processo de reconhecimento do espaço, para então conseguir repassar ao turista estas temáticas. Só então, a partir da contraposição da relação do autóctone com o seu meio que o turista pode então perceber-se como inerente à outra cultura, que é o seu modo de vida.

Respeitar estas balizas é a chave que contempla a prática sustentável de gestão do patrimônio, pois dá voz às comunidades e permite, em contrapartida, que os visitantes formem sua própria visão do conteúdo que lhes fora apresentado. Assim, é favorecida a eficiência da ação de interpretação patrimonial, que só é possível se apoiada na educação patrimonial. E este espaço seria importante, principalmente para levar os conceitos de educação patrimonial a quem não está mais em sala de aula.

São necessárias pesquisas posteriores (e complementares) a respeito desta temática, que podem abordar outros monumentos históricos da cidade ou analisar outros aspectos relativos às manifestações culturais diversas (materiais e imateriais) que contribuem para a formação do patrimônio da cidade. Deste modo, é promovida a

formação e expansão do conhecimento, uma vez que mais elementos componentes da mesma temática têm a possibilidade de ser analisados.

E, assim, espera-se que esta pesquisa se torne subsídio não somente para outras produções acadêmicas, mas também para a própria população, que merece ter acesso aos reflexos do conhecimento formado pela academia, uma vez que este diagnóstico foi possível a partir da análise do comportamento social da comunidade parnaibana e com a intenção de auxiliá-la a se reconhecer e valorizar seu patrimônio.

PULLING FROM MEMORY: THE CASA GRANDE DE SIMPLÍCIO DIAS AS COMPREHENSION POINT ABOUT THE RELATIONSHIP BETWEEN THE CITIZENS OF THE CITY OF PARNAÍBA/PI AND THEIR HISTORICAL HERITAGE

ABSTRACT

The objective of the present article is to comprehend what relations the inhabitants of Parnaíba, Piauí nourish by their historical spaces. The object of study is the Casa Grande Simplício Dias, a space which historical importance is spread by local scholars. Analyzing the collected data, it was possible to observe that most inhabitants have a distant relation with the space, although they refer to the Casa Grande as an important space to the city.

KEYWORDS: CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS. HISTORICAL PATRIMONY. HISTORICAL CULTURAL IDENTITY.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2010.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Onde fica a Casa Grande da Parnaíba?** 2011. Disponível em: <<<http://180graus.com/blog-literario/onde-fica-a-casa-grande-da-parnaiba-por-alcenor-candeira-filho-417364.html>>> Acesso em: 18/02/2013.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

COSTA, Francisco Vilmar da. **A Casa Grande como lugar de memória e patrimônio da cidade de Parnaíba**. 2011. Monografia (Bacharel em Turismo). Universidade Federal do Piauí, 2011.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

MARQUES, Renato Neves. **A Casa Grande e os 300 Anos de Parnaíba**. 2011. Disponível em: <<<http://www.proparnaiba.com/parnaiba/2011/05/04/a-casa-grande-e-os-300-anos-de-parna-ba.html>>> Acesso em: 18/02/2013

MENESES, José Newton Coelho. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINHEIRO, Áurea. MOURA, Cássia. **Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba**. Teresina: Superintendência do IPHAN no Piauí, 2010.

SILVA, Maria da Penha Fonte e Silva. **Parnaíba, minha terra: crônicas**. Parnaíba, 1987.

Referência (NBR 6023/2002)

KANTZ, Heidi Gracielle; RIBEIRO, Flora Maria Serejo Neves. Puxando pela memória: a Casa Grande Simplício Dias como ponto de compreensão entre as relações dos habitantes da cidade de Parnaíba/PI e seu patrimônio histórico. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3 (Número Especial), p. 41-55, 2014.